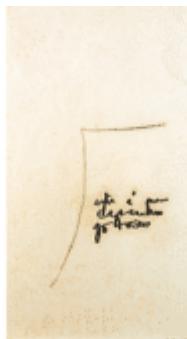


Nada acontece



Por PRISCILA FIGUEIREDO*

Sete poemas

Deméter

O céu escureceu antes da hora,
entre a araucária e a primavera esperei
sem temor, mas tão cansada,
pelo aceno do amado;
a sacola de maçãs pesava enquanto as árvores
balançavam orgulhosas a cabeleira:
nossa casa é fixa, e a sua? já faz horas,
menina, que te vemos errar por aqui;
a estrada é firme e sem deriva, mas sua confusão
lhe dá vertigem, você a desnorteia —
quem se perde se perde para sempre.

Imóvel

É tarde, e nem por isso me apresso;
é tarde, sempre me digo, mas nada acontece:
não mexo uma pá, a mais disponível das servas —
ela não me censura, mas branda e atenta me aguarda
arrebata-la, como se o messias ou uma fada boa
fosse, em algum momento, aparecer.
Mas continua a ser tarde,
o tempo antes passava e isso foi há tempos;
há muito já não avança, coágulo
de dor e imagem, que nenhum ponteiro de relógio

[fura.

Passando por um templo evangélico

O que se passa dentro
vem bater no ouvido
dos que estão fora,
nós, os carneiros dispersos
que o recato de um pastor
jamais lograria reunir —
e então nos chamam
pelo microfone.
Tantas vezes se diz “demônio”
que meu ouvido desperta e indaga:

a terra é redonda

como pode ser gritada
uma palavra tão macia?
É tão ameno esse "mônio"
eu queria ouvir baixinho...

O teatro do exorcismo ergue a lona,
o diretor está em cena, mas o ator
é falso ator, se desespera e chora.
Não lembro de ter visto
tão ao lado um do outro o cabotino
e o desprovido de artifício.

Eletricamente ampliadas,
frases antigas e imperiosas
de Tobias a Paulo —
mas é o sangue de Jesus
que acalma entre exigentes dízimos
os deserdados do Brasil.

Nunca ouvi
um vestido farfalhar,

as folhas, sim —
é o que ouço agora,
ponho nisso
toda a minha atenção
até distinguir se seu murmúrio
é de alegria ou de pavor.
Os braços esgalhados
a peito com o vento
parecem vir de um tronco
que ginga.

Eis que o alarme se aproxima
obsidiante e imperativo,

bicando nos nervos
pela hora premente
(pois é quase sempre
alguém que vai morrer
seja o camburão branco
preto ou vermelho):

é agora, é agora, é agora!

Como num flashback sem som
a árvore acena, velha mãe
meio torta, cheia de pelanca.

Ventila-se

A ciranda de pás move o ar de cima a baixo,
seria tão fácil me degolarem;
escravos arcaicos, chacoalham os leques sobre mim,
eu coreografo: "mais, agora mais, nem tanto,
senão apanho um resfriado".

Mais certo que seja uma galé, remando ao ritmo
do meu chicote remoto.

a terra é redonda

Trabalham tão rápido que me pouparam de ver
o quanto escorrem filetes de sangue de suas costas;
podem estar no ar, podem estar na água,
sei que nada é leve para eles,
sua diligência é a mesma dos anões míticos —
o quanto quebram e empurram no interior da Terra
eu não vejo,
de lá apenas saem
para guardar meu sono. Devem
estar cansados, devem estar mortos;
em breve, por um descuido, deixarão cair
minha cama de vidro, sua carga mais leve.

Chuva^{III}

chega como ordem de despejo
dando pancadas inclementes
precipita sem aviso
fria e ditatorial
confundindo agendas, separando amantes
arrancando a peruca das árvores
você vem para humilhar
camburão escuro
você me impede de pensar
Sob o barulho prepotente
o que dissermos
é sem futuro

Calça curta^{III}

Chovia muito, mas isso ainda não fora capaz de despertar João Crisóstomo, até que começaram a bater na porta de sua cabana e não parecia ser a chuva. Ele então acordou, deve ter calçado umas sandálias e, esfregando os olhos de sono, a abriu devagar, mas só avistou o rio chacoalhando muito com a chuva e o vento. Uns dedinhos tocaram seu tornozelo - ei, estou aqui! -, era um menino minúsculo, que ele levantou com uma mão depois de se abaixar e, achando muito natural que ele falasse, estranhou, porém, que ele viesse naquela hora acordá-lo. Ele não o conhecia, mas o menininho parecia muito à vontade com ele e lhe pediu, num tom que não parecia duvidar de que fosse ser atendido, que o conduzisse para a outra margem do rio. Crisóstomo era um dos últimos gigantes na Terra, era forçudo, e apesar de achar que a tarefa seria fácil, não deixou de achar o pedido desnecessariamente ansioso, além de importuno - tudo é sempre pra ontem! O menininho insistiu com os olhos e, não vendo nenhuma reação da parte dele, começou a virar o pé para dar meia volta e tomar o seu caminho. Peraí!, disse Crisóstomo, você não quer dormir um pouco aqui e te levo amanhã? Tem um cantinho na minha cama. O menininho disse que não com a cabeça e acrescentou que estava com pressa, pois o mundo inteiro o esperava, e o esperava debaixo de chuva - seria muito chato fazê-lo esperar mais. Bem, pensou consigo, isso tudo é meio desagradável, mas o trabalho será fácil; e se eu fizer esse serviço agora, já vou cumprindo a metade do dia. Crisóstomo então pegou seu casaco e pôs a criança nos ombros, se dirigindo ao rio, que logo começou a atravessar. Todos sabemos o que aconteceu: parece que carrego o mundo nas costas! Oh você carrega quem o fez, nada mais, nada menos. O mundo está me esperando, mas ele pesaria muito, muito mais que eu, pode acreditar, e agradeça por me carregar. Quando concluiu a travessia, Crisóstomo o pôs então no chão, onde se sentou para descansar um pouco, pois estava exausto como nunca. Não tinha sido o trabalho fácil que ele imaginava, ainda mais àquela hora e sem comer. A carga desta vez fora infinitamente maior do que o normal, o que o fez se sentir meio enganado, pois de início ela tinha lhe parecido mínima; ele também pensou, quase se conformando, que esse tipo de logro seria comum de agora em diante, senão pior.

*Priscila Figueiredo é professora de literatura brasileira na USP. Autora, entre outros livros, de Mateus (poemas) (Bem

a terra é redonda

te vi).

Notas

[i] Poema de janeiro de 2016, publicado em plaquete pela Espectro Editorial (Juiz de Fora, 2016).

[ii] Baseado na lenda medieval de São João Crisóstomo.

A Terra é Redonda